

Tensão e medo na aldeia Maxakali

▶ Índios temem violência dos fazendeiros, mesmo com a presença da Polícia Federal

MARÍLIA DAMASCENO
REPÓRTER/ENVIADA ESPECIAL

No melhor estilo dos velhos filmes de faroeste, um mês depois de os índios Maxakali terem sido expulsos de Batinga, distrito de Itanhém, no Sul da Bahia, os responsáveis não foram punidos e nem mesmo encontrados. Apesar de ter sido visto na cidade mineira de Machacalis, a 798 quilômetros de Belo Horizonte, o principal acusado, o fazendeiro Edilson de March, conhecido como *Nego Capixaba*, é considerado fugitivo pela Justiça local e pela Polícia Federal. Enquanto isto, na aldeia, os índios continuam vivendo em tensão. Na comarca de Águas Formosas (MG), o juiz e o promotor garantem que o atentado será apurado com rigor.

As informações sobre o paradeiro de *Nego Capixaba* são desencontradas. O delegado da Polícia Civil, Luís Carlos de Araújo, garante que ele se apresentou duas vezes para prestar depoimento. O advogado do fazendeiro, Gilvânio Moura Batista, diz que ele se apresentou espontaneamente em Machacalis, sozinho, em 24 de fevereiro e, no dia 13, desta vez com ele. Só que o delegado já havia dito que quando a PF chegou na região, *Nego*

Capixaba desapareceu. Mas Gilvânio argumenta: "Ele não está fugido. Teme a ação da Polícia Federal, que dizem ser violenta".

Em Águas Formosas, o juiz Orlando Aragão Neto já pediu o desarmamento dos moradores da área pela Polícia Federal. Segundo ele, policiais federais estão trabalhando e a operação desarmamento está em andamento. "Os índios indicaram 15 nomes entre fazendeiros, vaqueiros e pistoleiros que possuem armamento ostensivo. A PF mantém estes nomes em sigilo", informa, garantindo que índio não mente. O juiz também confirma que *Nego Capixaba* está desaparecido e que há indícios de que um de seus homens atiraram nos índios. E diz que o inquérito será enviado à Justiça Federal, em BH, e o procurador da República oferecerá denúncia como peça inicial acusatória. O juiz federal receberá a denúncia e marcará o interrogatório do denunciado.

De acordo com o administrador regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, o advogado da Fundação, Humberto Gomes Serafim, está acompanhando o inquérito. Ele garante que *Nego Capixaba* não se apresentou à Justiça e que o chefe da Funai no posto Pradinho está em contato permanente com a PF.



OS ÍNDIOS têm medo de sair da aldeia e sofrer represálias dos homens do fazendeiro *Nego Capixaba*, procurado pela Polícia Federal

Conheça todo o caso, passo a passo

FEVEREIRO

Dia 17 - Sábado de Carnaval - Índios Maxakali participam da feira livre em Batinga (BA) e iniciam uma briga na cidade. População de Batinga expulsa os índios com fogos de artifícios. Na confusão da fuga, homens, mulheres e crianças saem em debandada. Há denúncias de que moradores do lugarejo, usando um caminhão e uma caminhonete, perseguiram os índios armados de porretes e armas de fogo. Um dos índios ficou ferido. Os índios reivindicaram o ataque com flechadas.

Dia 18 - Domingo de Carnaval - As denúncias do ataque chegam à Funai, em Governador Valadares.

Dia 19 - Segunda-feira de Carnaval - O administrador regional da Funai, Wilton Madson Andrada, faz contato com a Polícia Federal, informando sobre o caso.

Dia 20 - Terça-feira de Carnaval - Chefe do posto da Funai em Pradinho, no município de Bertópolis, mantém contato permanente com a Polícia Federal.

Dia 21 - Quarta-feira de Cinzas - Agentes da Funai e da Polícia Federal se reúnem e marcam viagem à reserva para iniciar as investigações.

Dia 22 - Quinta-feira - Técnicos da Funai e agentes da Polícia Federal chegam à aldeia indígena e mantêm contatos com as delegacias de Machacalis e Bertópolis. Os policiais vão a Batinga (BA) e não conseguem localizar o principal acusado. Policiais chegam até a aldeia em Pradinho.

Dia 23 - Sexta-feira - Polícia Federal, agentes da Funai e índios Maxakali se reúnem. Os indígenas dão detalhes do acidente e informam que *Nego Capixaba* atirou de cima do caminhão

e identificam o caminhão usado pelos populares.

Dia 24 - Sábado - Polícia Federal ouve os Maxakali que identificaram *Nego Capixaba* e *Hélio Costa Longa* como agressores. Policiais vão até a fazenda de *Nego Capixaba*, mas sua mulher e um dos funcionários dizem não saber seu nome completo ou sobre seu paradeiro.

Dia 25 - Domingo - Nova reunião entre índios, Polícia Federal e Funai. A presença dos índios é reduzida por ser dia de feira em Santa Helena de Minas. Autoridades são informadas que *Nego Capixaba* estava na fazenda no dia anterior.

Dia 26 - Segunda-feira - Caminhão suspeito de intimidar os índios foi identificado em Umburatinha (MG), lugarejo separado de Batinga (BA) por uma ponte. Encontro com o juiz Orlando Aragão e o promotor Hélio Pedro

Soares, em Águas Formosas. Autoridades tomam conhecimento de que um sargento da PMMG identificou um dos agressores como *Nego Capixaba* e que os índios estão proibidos de trafegar pelas estradas vicinais que passam pelas terras de *Nego Capixaba*. Retorno dos agentes da Funai e da Polícia Federal a Governador Valadares.

MARÇO

O administrador regional da Funai e o juiz da comarca de Águas Formosas solicitaram ao procurador da República em Minas Gerais, Ricardo de Souza Cruz, responsável pela questão indígena no Estado, o andamento do inquérito e a abertura das estradas da região para o tráfego dos índios.

A Polícia Federal continua a agir em sigilo na região. Operação desarmamento é iniciada. (MD)

Violência desafia a lei

A região próxima à reserva indígena é conhecida pela violência. As grandes dimensões das propriedades e dos municípios dificultam o trabalho da Justiça. Além disso, a comarca de Águas Formosas engloba sete municípios, ligados por estradas de terra precárias. A falta de viaturas e de homens também colaboram para o clima de impunidade na região.

O delegado da comarca, Luís Carlos de Araújo, mora e atua na cidade de Machacalis, mas tem sob sua responsabilidade mais seis municípios - Bertópolis, Santa Helena de Minas, Umburatinha, Fronteira dos Vales, Crisólita e Águas Formosas. Ele diz que existe na sede da comarca um pelotão da PMMG, mas os outros municípios têm de se arranjar com apenas 11 PMs e um detetive da Polícia Civil. Luís Carlos explica que existem áreas em que é preciso fazer as diligências a pé e que os policiais da

Bahia omitem informações.

O juiz Orlando Aragão Neto, informa que as sete cidades da comarca têm uma população de cerca de 80 mil pessoas, com 35 mil eleitores e reclama das dificuldades de acesso. Conta que as audiências são feitas em dois turnos, tamanho é o volume de trabalho. Segundo ele, a comarca não possui defensor público e as defesas são feitas por colaboração dos advogados da região, que trabalham de graça.

O promotor Hélio Pedro Soares revela inclusive que ele e o juiz chegaram a custear a reforma da cadeia com o próprio dinheiro. Ameaçado de morte por iniciar uma revisão eleitoral na comarca, o juiz não se inibe com as dificuldades. Ele conseguiu transferir o fórum de Águas Formosas para a reserva indígena, onde atualizou todas as audiências pendentes envolvendo índios. (MD)



O JUIZ Orlando e o administrador da Funai em GV, Wilson Andrada

História cheia de versões

A indisposição dos moradores vizinhos da reserva para com os índios é conhecida. Eles não compreendem a cultura indígena e não toleram o comportamento dos índios, "inadequado para o convívio social". O comerciante Wilton Ribeiro, 59 anos, revela que os Maxakali se comportam como cães quando escutam os estouros dos fogos de artifício, se amontoam e ficam apavorados. Em 17 de fevereiro, sábado de Carnaval, os índios lotaram a praça de Batinga. Alguns estavam bêbados e os comerciantes procuraram despachá-los rapidamente, prevendo um conflito. Sabendo do medo dos índios pelos fogos, os populares resolveram expulsá-los soltando rojões. Mas o que aconteceu depois que os Maxakali atravessaram a ponte que divide Minas e Bahia é vago. Não há testemunhas da perseguição.

DE UM LADO - O subdelegado de Batinga, Gildelsino Ferreira Andrade, apenas sabe "que a turma se juntou e que expulsaram (sic) os índios". "O resto aconteceu lá em Minas", completa apontando a ponte que divide os dois Estados.

DO OUTRO - Já o delegado da comarca de Águas Formosas, Luís Carlos de Araújo, diz que as confu-

sões com os índios sempre acontecem na Bahia. Para ele, a população de Batinga atingiu seu objetivo: espantar os índios de lá. Luís Carlos conta que o tumulto foi generalizado e os índios ficaram mais assustados que machucados. Os Maxakali garantem que foram atacados também com armas de fogo.

NO MEIO - Os populares de Machacalis dizem que o fazendeiro Edilson de March - 38 anos, branco, alto, esguio, forte e com cabelos longos repicados -, conhecido como *Nego Capixaba*, sempre visita a cidade, freqüentando bares e parecendo bêbado.

DEFESA - Na última quarta-feira, a Toyota que ele costuma usar foi vista numa oficina mecânica local. Seu advogado, Gilvânio, conta que o fazendeiro é natural de Colatina e comprou a fazenda na região há dois anos, sabendo que os índios causavam transtornos ao antigo proprietário. Para ele, o episódio não passa de perseguição, porque *Nego Capixaba* exigiu a punição de um índio que quebrou o farolete de sua caminhonete. Ele garante que *Nego* não estava em Batinga no dia da agressão e que só chegou ao lugarejo depois das 21h daquele dia, quando foi interpellado por PMs de Minas. (MD)